

*Diário de Um Cucaracha*** : o estigma da lusofonia retratado na literatura brasileira de Henfil***

INTRODUÇÃO

O horror à mistura reflete a obsessão de separar.
Z. BAUMAN

Em 2002, ao iniciarmos os trabalhos do grupo de pesquisa, ensino e extensão *Acolhendo Alunos em Situação de Exclusão Social e Escolar: o papel da instituição escolar — Grupo Acolhendo —*, verificámos a necessidade do estudo do nosso passado colonial e das relações existentes entre Brasil e Portugal.

* Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

** *Cucaracha* é uma palavra espanhola que significa «barata (inseto)», que nos Estados Unidos é usada de modo xenofóbico por muitas pessoas para designar latino-americanos, sobretudo mexicanos, porto-riquenhos e brasileiros, e neste artigo, do nosso ponto de vista, serviria também para designar angolanos, moçambicanos, portugueses e outros povos que compõem o mundo lusófono, sob a perspectiva de parte da população norte-americana.

*** Agradecemos a todos os colegas de profissão, alunos de graduação e de pós-graduação, professores de escola de ensino fundamental da cidade de São Paulo, comunidade do Movimento de Alfabetização de Adultos da cidade de Guarulhos, sujeitos de nossas pesquisas e demais envolvidos com os trabalhos de ensino, pesquisa e extensão do «*Grupo Acolhendo Alunos em Situação de Exclusão Social e Escolar: o papel da instituição escolar*» e ao conselho editorial, profissionais de editoração e autores do *Periódico Eletrônico Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa*» com quem compartilhamos as ilusões e as desilusões humanas, com a esperança da possibilidade da existência de um mundo mais digno e justo, ou, parafraseando Henfil, um local em que não existam *cucarachas*.

De acordo com os estudos que realizámos, sabemos que a história de Portugal é marcada pela saída dos portugueses de seu território. O período conhecido como «Grandes Navegações» iniciou esta história:

Era o povo português que, sem o saber, estava fazendo mais do que sua história, estava escrevendo a própria história da humanidade. E tudo isto sessenta anos antes de qualquer outra nação pensar em abalar-se para o mar [...] só o puderam fazer porque já existia toda uma ciência náutica portuguesa, desenvolvida, como a astronomia e a navegação, nessa Universidade do mar que foi a Escola de Sagres [...] [Costa, 1988, p. 14].

Desta forma, o século XVI foi o «século de ouro» para Portugal. Entretanto, segundo Santos (2006), a Grã-Bretanha, maior potência do mundo no século XIX, afastou todos os seus concorrentes, especialmente os que não atingiram seu grau de industrialização. Conquistou e subordinou muitos territórios e países já constituídos por meio de ultimatos, ameaças, pressões econômicas e conflitos militares. Assim, nesta relação, Portugal saiu como o perdedor.

Ainda de acordo com este estudioso, os portugueses se constituem no «[...] único povo europeu que, ao mesmo tempo que observava e considerava os povos das suas colônias como primitivos ou selvagens, era, ele próprio, observado e considerado, por viajantes e estudiosos dos países centrais da Europa do Norte, como primitivo e selvagem» (Santos, 2006, p. 152). Dito de outro modo, Portugal encontra-se na semiperifericidade do contexto mundial. Ou seja, os portugueses são e foram considerados, paradoxalmente, civilizados — pelas suas antigas colônias — e selvagens, ao mesmo tempo, tanto pela América do Norte como pela Europa.

Frente a estas constatações, pudemos compreender um pouco mais do Brasil e sobre seu respectivo atraso e empobrecimento.

Ao Brasil é atribuído o mito da unidade lingüística. Porém, sabemos que, com seus aproximadamente 180 milhões de habitantes, apesar de a língua portuguesa ser oficial e veicular, há, pelo menos, 180 línguas indígenas e ainda a influência do passado das línguas indígenas desde o início da colonização no século XVI, as contribuições das línguas africanas desde o início do tráfico negreiro no século XVII e ainda as marcas das línguas européias desde o fim do tráfico negreiro no final do século XIX, com a chegada de espanhóis, italianos, alemães, japoneses, entre outros, para o trabalho na agricultura.

Segundo pesquisas do Grupo Acolhendo, dentre as variantes da língua portuguesa, há que se destacar: o falar urbano (das megalópoles, como Rio de Janeiro e São Paulo; das grandes cidades, como Brasília e Belo Horizonte, por exemplo) e o rural (dos habitantes do interior do Brasil: caboclos; dos

moradores da região amazônica: os sertanejos, dentre outros), sem falar das especificidades do Sul do Brasil: gaúchos, matutos e gringos. Todas estes «falares» formam os muitos grupos culturais do nosso território.

Tais variantes, aliadas aos, pelo menos, 40% da população brasileira em situação de pouco domínio da leitura e da escrita na língua oficial portuguesa, incentivam a emigração da população excluída socialmente, assim como das ditas classes médias, que se vêem cada vez mais empobrecidas e ameaçadas para a vida na sociedade brasileira. Formam-se então verdadeiros movimentos populacionais das regiões mais pobres do país para as mais ricas e ou, como é constantemente divulgado na imprensa nacional e internacional, um contingente enorme de esperançosos brasileiros que vêm na saída do país, na emigração, quer seja legal ou ilegal, uma maneira para sobreviver de modo mais digno do que encontra em sua terra natal. No caso brasileiro, a cidade de Governador Valadares, no estado de Minas Gerais, é a maior exportadora de brasileiros para os Estados Unidos.

Segundo Teixeira e Da Rosa (2000), em Portugal, esta fuga não ocorre de modo muito diferente, pois é expressivo o número de portugueses que têm deixado seu país, legalmente ou não, nos últimos cento e cinquenta anos. Isto porque, de acordo com Eusébio (2001), inúmeras razões de natureza econômica (deteriorização da economia portuguesa, poucas oportunidades de mobilidade social, guerra civil estabelecida nas antigas colônias) fizeram com que a diáspora portuguesa atingisse algo em torno de 4 milhões de pessoas dirigindo-se tanto para os países mais desenvolvidos na própria União Européia (Alemanha e França, preferencialmente) como para suas antigas colônias e ainda para países da América do Norte: Canadá e Estados Unidos.

Frente a estes laços históricos entre Brasil e Portugal, que nos fazem possuir características semelhantes, no âmbito do Grupo Acolhendo surge a discussão acerca das identidades culturais oriundas das relações metrópole/colônias, neste caso, especificamente, da identidade lusófona. E, parafraseando Boaventura (2005), ao perguntarmos sobre a identidade do lusófono, pretendemos nos conhecer, saber das nossas condições de vida, da nossa história, e ter claro que questionamos da periferia dos negócios mundiais, tendo como — «os outros» — os países em condições de desenvolvimento pólos de atração para lusófonos, e com o propósito de, ao nos conhecermos, colaborar para com a minimização da miséria, condição em que vivem muitos de nossos irmãos.

Neste cenário luso-brasileiro, os pesquisadores do Grupo Acolhendo, em seus momentos de estudo e reflexão, ao depararmos-nos com a obra literária *Diário de Um Cucaracha*, do brasileiro Henfil, decidimos tomá-la como ponto de partida para sistematizarmos algumas de nossas discussões, já que ficamos seduzidos tanto pelo seu conteúdo como pela sua forma, pois a mesma apresentou-nos pontos-chave para a compreensão do que é ser

lusófono no exterior — especificamente, no caso deste artigo, nos Estados Unidos hoje — sem a «névoa» dos protocolos acadêmicos que, por diversos motivos, recobrem muitos dos dados coletados em campo, tanto em pesquisas de natureza quantitativa como qualitativa, assim como impedem ou proíbem determinadas ousadias teóricas.

Feitas estas considerações introdutórias, apresentaremos a seguir Henfil, sua vida e obra, com destaque a um dos seus livros, *Diário de Um Cucaracha*, que tem como protagonista um brasileiro, mineiro¹, vivendo nos Estados Unidos e que, do nosso modesto ponto de vista, esta personagem poderia muito bem ser de nacionalidade portuguesa, aos olhos de parte da população norte-americana.

Vida e obra de Henfil: o estigma de lusófonos e as estratégias para o encobrimento desta identidade no *Diário de Um Cucaracha*.

Henrique de Souza Filho, ou Henfil², como era conhecido. Nasceu a 5 de Fevereiro de 1944, em Ribeirão das Neves, no interior do estado de Minas Gerais, e cresceu na capital do mesmo estado, Belo Horizonte. Faleceu a 4 de Janeiro de 1988, no Rio de Janeiro, aos 43 anos, em decorrência de complicações da Aids contraída através de uma das transfusões de sangue necessárias para tratar de sua hemofilia.

Henfil exerceu diferentes profissões. Foi embalador de queijos, *office-boy* de agência de publicidade e jornalista, até especializar-se, no início da década de 60, em ilustração e produção de histórias em quadrinhos. Tornou-se conhecido nacionalmente, especialmente, a partir de 1969, como desenhista, jornalista e escritor quando passou a colaborar no tablóide *Pasquim*. Lançou, em 1970, a revistinha *Os Fradinhos*, ou apenas *Fradins*. Suas tiras foram posteriormente divulgadas em vários países sob o título *The Mad Monks*.

O escritor tornou-se também pessoa conhecida no Brasil pela crítica, sátira e humor contidos em suas matérias, textos, histórias em quadrinhos e desenhos, todos vividos por personagens tipicamente brasileiros. Além das histórias em quadrinhos e cartuns com esta inconfundível maneira de se expressar, Henfil realizou uma peça de teatro, *A Revista do Henfil* (em co-autoria com Oswaldo Mendes), escreveu, dirigiu e atuou no filme *Tanga — Deu no New York Times*, teve uma incursão na televisão com o quadro «TV Homem», do programa *TV Mulher*, na Rede Globo de Televisão. Como escritor, publicou ainda sete livros. São eles: *Hiroxima*, *Meu Humor*, *Dez em Humor* (obra coletiva, 1984), *Diretas já* (1984), *Henfil na China*, *Fradim de Libertação* (1984), *Como Se Faz Humor Político* (1984) e aquele que nos motivou a escrever este artigo: *Diário de Um Cucaracha* (1976).

A obra selecionada é uma coletânea de cartas selecionada dentre as centenas escritas por Henfil aos seus amigos durante o tempo em que viveu em Nova Iorque, de Outubro de 1973 a Junho de 1975. Foi editada pela Record no Rio de Janeiro, com 276 páginas.

As cartas que compõem este livro estão em ordem cronológica, de modo a traçar a trajetória de um mineiro, o próprio Henfil, que emigrou para os Estados Unidos com dois grandes objetivos: fama e cuidar de sua frágil saúde.

Henfil, assim como seus irmãos e outros membros de sua família, eram hemofílicos, e este, ao emigrar para os EUA, pensara verdadeiramente que encontraria um sistema de saúde altamente organizado, com padrão de excelência de «Primeiro Mundo» para enfrentar com eficácia e dignidade a doença que o acompanharia pela vida. Como diversas passagens da obra nos mostram, longe de receber tratamento de qualidade nos hospitais norte-americanos, peregrinou por diversas instituições de saúde deploráveis, nas quais vivenciou situações de humilhação e descaso, em meio a uma cultura do supérfluo que desvalorizava a «vida», o bem maior da humanidade do ponto de vista do nosso escritor.

Estas experiências formaram a primeira desilusão de Henfil no seu processo de inserção na sociedade norte-americana. Concomitantemente, ele toma consciência da sua falta de domínio da língua inglesa e da sua grande dificuldade para aprendê-la. Neste sentido, em muitas de suas epístolas, ele descreve os inúmeros empecilhos cotidianos para comunicar-se em diferentes contextos. E assim, ao reconhecer-se diante do «outro», percebe-se estigmatizado, vítima do preconceito pelo fato de ser latino e se vê como alvo de preconceitos lingüísticos, por ser brasileiro ou ainda lusófono. Neste aspecto, escreve para seus amigos, de modo impressionante, sobre o abismo cultural fundado e instalado nas relações pessoais que procurou estabelecer em território norte-americano e que, juntamente com a falta do atendimento médico-hospitalar, desejado e necessário, fizeram com que Henfil perdesse a ilusão em torno do seu projeto de vida, e agora sentia a dura e penosa realidade: viver nos EUA como estigmatizado, ou seja, *um cucaracha*. Dito de outro modo, a desilusão com a «vida de estrangeiro» estava feita e a possibilidade de retornar ao Brasil, mesmo que fracassado e traidor, para muitos, começou a tomar conta dos seus pensamentos. Até que este retorno acontece no ano de 1975.

De acordo com Goffman (1975), nos tempos antigos, os gregos criaram o termo «estigma», que significava o conjunto de sinais corporais que se constituíam como indicativo de algo extraordinário sobre o *status* moral de quem os apresentava. Estas marcas corporais eram feitas com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, criminoso ou traidor. A pessoa estigmatizada devia ser evitada, pois se referia a um ser maculado. Com o tempo, o termo «estigma» passou a indicar «depreciação» daquele que o possui a ponto de «o estigmatizado» construir estratégias de sobrevivência de modo a esconder, o máximo possível, as marcas sociais que o fazem «menor» dentro do grupo em que vive, tal como Henfil percebeu-se nos EUA.

Podemos seguramente afirmar que a obra literária corrobora a definição de Goffman e ainda evidencia a construção da carreira moral do estigmatizado, formulada pelo sociólogo canadense, composta por diferentes fases: (1) a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma idéia geral do que significa possuir um estigma particular; (2) a pessoa aprende que tem um estigma particular; (3) ela aprende que possui um estigma particular e conhece detalhadamente as conseqüências de possuí-lo; (4) o estigmatizado procura manipular sua identidade de modo a sofrer menos em sociedade.

Com relação às fases acima destacadas, Henfil nos oferece excelentes descrições de como o lusófono latino-americano cria estratégias de ocultamento das suas marcas históricas e sociais para não ser humilhado durante tarefas cotidianas. Vejamos esta passagem:

[...] Toda vez que vou no supermercado, coloco minha melhor roupa. Só assim os fregueses não ficam me pedindo informações ou reclamando dos preços com o óbvio empregado cucaracha. Constrange, sabe. Às vezes, sou solicitado a trocar mercadorias ou a apanhar latas lááá em cima. De banho tomado e roupa fina, o máximo que confundem é com o caixa [...] [Henfil, 1983, p. 265].

Ou ainda, mais do que esta situação de estar e ser humilhado na sociedade norte-americana, Henfil acrescenta que mesmo na terra natal do lusófono, no caso, o Brasil, este sentimento de «sentir-se menor», «valer menos», permanece diante de povos anglófonos. Ou seja, internaliza-se na alma e na constituição da identidade do lusófono, desde o tempo da colonização, um «sentir-se inferior a»:

[...] Aí no Brasil nós temos o mesmo complexo de inferioridade quando vemos alguém conversando em inglês. Aí mesmo no Brasil eu me senti diminuído por ver amigos meus falando inglês com algum estrangeiro. Diminuído. Vou te fazer uma confissão: para impressionar uma menina, eu cheguei até a pegar um livro em inglês e ficar ali, horas, fingindo ler inglês. Chegava até a voltar a página para conferir algo. Aquelas letras todas sem nexó ali na frente e eu sonhando de ler inglês. Quantas vezes não escutei música dos Beatles fingindo entender a letra, pedindo até para aumentar um pouquinho preu escutar de novo aquela parte sensacional [...] [Henfil, 1983, p. 19].

E ainda, do ponto de vista de Henfil, surge um aspecto tão bem estudado por Goffman, expresso claramente numa das primeiras cartas que escreve aos seus amigos, o mineiro confessa que pode se tornar o maior humorista do mundo, mas será o mais merda (*sic*) dos homens se não falar inglês, isto

porque não dominar esta língua hoje significa ser um aleijão (*sic*), ou ainda uma pessoa de segunda categoria.

Apesar desta reverência, ainda que forçada, à anglofonia, Henfil salienta um outro aspecto importante do seu cotidiano quando tratamos de examinar questões no âmbito das (e)imigrações: a resistência cultural. Dito de outro modo, pode ocorrer o posicionamento consciente ou não de manter-se fiel às suas origens, exibindo as marcas da sua cultura e afastando-se das possibilidades de integração na sociedade de recepção.

Ou seja, Henfil vivia a ambigüidade — apoiada na resistência cultural — daquele que sai da sua terra: por um lado, admira aquele que detém o conhecimento considerado legítimo naquela sociedade e naquele tempo, também por não o possuir e por saber a falta que este lhe faz. Por outro lado, ao saber que ele e toda a sua história são considerados inferiores, sente repulsa por aqueles que o classificaram assim.

Tal ambivalência se expressa de modo fundamental nas relações lingüísticas que se estabelecem no processo da constituição da identidade do ser migrante, identidade esta que para ser elaborada envolve inúmeros aspectos da pessoa, desde o modo de se vestir até a elaboração mental e psíquica que necessita realizar para responder a si próprio: quem sou eu? Observemos a seguinte passagem do *Diário* ilustrativa neste aspecto:

Após dois meses de vivência na nova cultura, o autor escreve que [...] Na nossa catacumba [relatava a festa de Natal] tinha também um americano casado com uma francesa. Apesar da vergonha dos outros brasileiros, eu falei inglês com eles. Eles foram extremamente pacientes. No fim, eu fiquei com dor de cabeça de tanto esforço. Até que sei falar alguma coisa, mas o que atrapalha é a cintura dura. Pra falar inglês a gente tem que desmunhecar um pouco a língua, e aí o machão aqui não é disto, né? E aí não me comunico. Já notei que as mulheres brasileiras falam inglês melhor que os homens. Porque se soltam no remelexo da língua. Parece que o homem *tem vergonha de parecer que está falando inglês. Como se falar inglês fosse nos rebaixar, como se a gente quisesse dobrar o americano até ele falar português, como se aquilo fosse uma queda de braço. E o pior é que pra falar inglês tem que ser no cantado deles. E aí a gente se sente meio exibicionista, artista de cinema. E recua feito macho sério. É fogo descobrir que os americanos na vida real falam o mesmo inglês que eles falam nos filmes. Quando faço uma voz falsete para imitar um americano, o inglês é perfeito. Outra imagem que me ocorre é o bloqueio que homem tem para cantar. E quando cantamos é com voz falsete: ou imitando bicha ou imitando barítono machão de ópera. Mesma coisa com o inglês. Freud explica? Pois eu não explico, só constato. O que não me curou. Continuo resistindo a pronunciar as palavras no seu cantar legítimo. E tenho raiva de todos que falam inglês bem. Como se fossem traidores. Ser homem dá muita mão-de-obra [...] [Henfil, 1983, pp. 117-118].*

Da trajetória de Henfil vivida nos EUA, ao acompanhar de modo cronológico suas cartas, observamos o processo da sua desilusão por estabelecer residência nos EUA. Um dos fatores que contribui para a desconstrução do seu sonho — fama e cuidar da saúde — foi a partida do seu amigo brasileiro para outra cidade americana. Longe deste amigo, e, dizemos nós, longe da possibilidade de estar em uma comunidade de «iguais», Henfil começa a se sentir órfão (*sic*) e viver o cotidiano americano, como, por exemplo, atender ao telefone, conversar com os balconistas, dentre outras situações, torna-se, a cada dia, mais difícil e indesejado. Ou seja, Henfil sente-se desafiado, e, talvez, este sentimento faz com que muitas pessoas do mesmo país acabem por formar verdadeiras comunidades, bairros em outros países. E cabe ressaltar, ainda que rapidamente, das pesquisas que realizamos, os brasileiros tendem a procurar as comunidades portuguesas já instaladas em países pólos de atração.

Finalmente, cabe destacar momentos finais da obra de Henfil, que, além de ser chamado de *cucaracha* pelos americanos, sentiu-se como tal e denominou-se desta maneira. No encerramento do *Diário*, Henfil também retoma as possibilidades de mascaramento do estigma do imigrante e o valor emocional que tais atitudes de acobertamento da identidade de base lhe custam. Vejamos parte de uma das cartas finais da obra que, do nosso ponto de vista, é um diálogo interior explicitado com toda a beleza que a literatura permite:

[...] o estrangeiro assimila só a casca da cultura, como o camaleão toma a cor da casca da árvore. Porque o estrangeiro não é na realidade um estrangeiro. Não existe o estrangeiro. É apenas uma pessoa que pertence a outra cultura, à qual é tão fiel que só taticamente adota o verniz da cultura que o hospeda.

Para que não possa ser chamado de estrangeiro, eu teria que me comportar no EUA como se comportam os brasileiros, que andam nos ônibus de excursão batucando mengô na Quinta Avenida. Eles não estão camuflados. Eles são brasileiros. Eu, envergonhado deles, procurando adaptação, sou um estrangeiro. Eles atraem curiosidade, eu atraio suspeita.

Se por qualquer motivo eu tiver que ficar, eu não vou ser mais o mesmo. Deixa eu te contar uma coisa para exemplificar. Para mostrar que a gente vira camaleão e vai mudando a pele sem sentir:

Tem dia que não consigo traduzir para o português um cartum que criei em inglês. Tenho de consultar o dicionário. Eu já sou dois. Já estou começando a aprender a fazer coisas para os americanos. Que não funcionam no Brasil. Se eu ficar aqui, o Henry vai cobrir com uma casca, uma pele cada vez mais dura, o Henfil: porque estarei exposto à radiação da cultura deles 24 horas por dia. A necessidade de sobreviver vai me

envolpar tão forte, tão impermeável, que teremos uma casca americana envolvendo um cadáver cultural brasileiro [...] [Henfil, 1983, p. 247].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurámos demonstrar ao longo desta exposição que a obra literária «Diário de um *cucaracha*» — que para o Grupo Acolhendo, em primeira instância foi instrumento pedagógico, ou seja, de formação de cientistas sociais, educadores, estudantes e pesquisadores — pôde contribuir para a compreensão do fenômeno (e)imigração e a as implicações lingüísticas inerentes a este processo e sistematizar as reflexões que temos realizado. E, neste sentido, fez-se objeto de apoio e de análise para refletirmos acerca da lusofonia no século XXI.

Diário de Um Cucaracha pode contribuir para elucidar a realidade de portugueses, brasileiros, angolanos, moçambicanos, dentre outros, que, tendo em vista as situações de miserabilidade de seus países, decidem partir para outros mundos, sendo obra, conseqüentemente, vivamente recomendada para leitura. Em suma, Henfil consegue aliar, nestas quase 300 páginas epistolares, política, sociologia e formação para docentes e pesquisadores: vincula arte, vida e ciência, ressaltando a importância do conhecimento da subjetividade humana no âmbito das ciências humanas, sociais e educacionais.

Além disto, a leitura de *Diário de Um Cucaracha* estimulou a imaginação, o pensamento crítico e a criatividade dos autores deste artigo — e talvez nós, autoras, gostaríamos que o mesmo acontecesse com os leitores do nosso modesto artigo — mostrou-nos as necessidades humanas e os direitos dos indivíduos em qualquer sociedade, tão brutalmente negados para um grande número de pessoas do planeta Terra. Nas palavras de Antonio Cândido:

Com efeito, entendemos por literatura, neste contexto, fatos eminentemente associativos, obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si e que, tomadas em seu conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assumo de intuição, tornando-se «expressão». A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem) e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento — para chegar a uma «comunicação» [Candido, 1986, p. 127].

À luz da obra sociológica de Z. Bauman — *Modernidade e Ambivalência* — compreendemos a situação vivenciada por Henfil como «armadilha da

ambivalência», característica típica das sociedades pós-modernas. Isto porque ficar ou não ficar nos EUA, assumir esta ou aquela aparência, adotar ou não a cultura e língua inglesa norte-americana, assimilar-se ou resistir, inserir-se na sociedade americana ou retornar ao Brasil e muitos outros pares de alternativas constituem-se como possibilidades ou ofertas da ambivalência que atraem vítimas para *um estado de crônica ambivalência com a isca de bilhetes de ingresso no mundo livre do estigma da alteridade* (Bauman, 1999, p. 114); situação inexistente.

Hoje, para Bauman (1999), nas sociedades atuais existe um «novo» mecanismo de assimilação — fenômeno social — que apresenta as seguintes características: (1) fenômeno tipicamente moderno, no sentido de atender às necessidades dos estados nacionais de uma unificação legal, lingüística, cultural e ideológica de sua população; (2) intolerância cultural decorrente da insuportabilidade de e pela impaciência com toda a diferença e suas inevitáveis conseqüências: a diversidade e a ambivalência; (3) fusão de cidadania e conformidade cultural, a segunda vista como condição e meio de alcançar a primeira; (4) perspectiva de plena cidadania política como principal fonte do poder sedutor do programa de aculturação; (5) carrega o germe de seu próprio fracasso expresso em três tipos de ambivalência: impõe um esforço individual para superação de um estigma coletivo³, tenta equiparar atributos naturais e culturais; por fim, perde-se nas dimensões do universalismo e do paroquialismo. Tal fenômeno baseia-se nos seguintes fatores definidos culturalmente: escolaridade, língua, aptidão física, preferências artísticas, padrões de comportamento, dentre outros, e por meio dele, o sujeito constrói sua representação social ao longo da vida através das formas de interação na sociedade em que nasceu e, no caso de (e)imigrantes, na de recepção.

No caso de Henfil, e possivelmente de outros brasileiros e lusófonos, há a formação da imagem de si mesmos como pessoas desacreditáveis ou desacreditadas. E a imposição desta definição de quem sou eu, de acordo com Bauman (1999), é uma forma de genocídio construído pelo exercício de uma engenharia social racional da sociedade de produção econômica capitalista, por meios artificiais de desqualificação das pessoas. Assim, não é mero acaso o nome depreciativo de *cucarachas*, já que estes insetos são desprezíveis, nojentos e existem em abundância e, por isso, podem ser mal tratados e assassinados, pois muitas outras *cucarachas* estarão rapidamente à disposição para as devidas substituições.

Neste caso, as palavras de Chevalier são extremamente significativas:

Imigrantes «ruins», imigração «ruim», essas qualificações depreciativas podem parecer exageradas frente ao eufemismo generalizado com o qual a linguagem atual se protege, e particularmente a linguagem dos dominantes, quando precisa nomear as diferenciações sociais que existem na realidade, principalmente quando estas características distintivas dos dominados,

apenas pelo fato de sua enunciação, seja por etnocentrismo, seja por preconceito ou abordagem sociológica, correm o risco de serem acusadas de racismo (racismo de classe num caso e racismo de cultura ou racismo da xenofobia no outro caso, em se tratando de imigrantes). Por certo pode apenas, com relação à ética, congratular-se com o trabalho feito sobre si mesmo aqui ou lá. E, sem dúvida, é preciso ver nessa forma de «polidez» um dos efeitos da vulgarização (ou da democratização) do «relativismo cultural» que, numa primeira aproximação e pagando o preço de uma alteração de seu sentido original, parece ter sido do céu depurado da axiomática científica para o cotidiano e para as principais correntes. Entretanto, não se pode, apesar disso, desconhecer completamente o que as aquisições culturais (como, por exemplo, o «relativismo cultural» no campo das relações entre as culturas), que são também aquisições sociais, mentais, éticas e políticas, mascaram e por enquanto tornam tal coisa apenas inconfessável, mas não impensável. Assim, em outros tempos, as pessoas se permitiam mais do que hoje em dia opor-se ou deplorar que ninguém opusesse (o que é outra forma de opor) uma imigração que consistiria apenas em trabalho e seria feita apenas de trabalhadores e uma imigração que seria de povoamento; em outros termos, uma «imigração de quantidade» e uma «imigração de qualidade» [Chevalier, 1944].

Ou ainda, de pleno acordo com o sociólogo argelino Sayad: «Nem cidadão, nem estrangeiro, nem totalmente do lado do mesmo, nem totalmente do lado do outro» (Sayad, 1998, p. 11).

Deste modo, podemos inferir que o interior do imigrante é feito por angústia, melancolia, solidão, mortificação, existência dilacerada, ruptura da perspectiva de vida, separação, autodestruição, ou ainda pela eterna ambivalência da tentativa da «assimilação».

Além disso, afirmamos também que os inúmeros «Henfils» nos Estados Unidos não se livrarão do peso do seu estigma enquanto existirem pessoas — em outros lugares do mundo vivendo situações semelhantes — como, por exemplo, lusófonos em Gotembrugo, portugueses na França e na Alemanha, brasileiros na França e na Inglaterra, pois o sujeito que tenta escapar sozinho desta situação percebe-se enredado em uma situação impossível de ser resolvida no âmbito individual, inclusive pela ambivalência da mesma. Em outras palavras, caso resolva abandonar suas origens culturais e sociais, será acusado de trair sua herança cultural e negligenciar o seu dever de fazê-la sobreviver; por outro lado, se ele pretender elevar o *status* de outras pessoas da sua intimidade que estejam em situação de exclusão social, continuará a pertencer a esta categoria de pessoas e por isso ainda será um deles, alvo de preconceitos. Caso, depois de um período de vida como imigrante em uma sociedade dita «mais desenvolvida» do que a sua de nascimento, jamais

ele será como um dos seus que não partiram, pois, quer queiramos ou não, há o diálogo intercultural, apesar de todas as barreiras impostas pelas sociedades. Assim, podemos afirmar que, uma vez (e)imigrante, sempre se será (e)imigrante. A integração plena não ocorrerá jamais nem na sua sociedade de origem nem na sociedade de recepção. E pior do que esta desafiliação cultural é a constatação da sua situação permanente de perdedor.

Infelizmente, pelos estudos que temos feito, pelas pesquisas realizadas e pela realidade que vivemos, afirmamos que há um desprezo latente — e, às vezes, explícito — pelo ensino da cultura e da língua de Camões, e nós, pesquisadores, intelectuais, professores, não podemos ficar omissos — numa falsa indiferença — frente à esta situação.

Consideramos que muitas pesquisas precisam ser feitas nesta direção. Precisamos saber como se dá a relação e a identificação dos lusófonos frente a outros, que funcionam como um espelho para nós mesmos. E, em concordância com Biarnès (1999), há que se conhecer, na situação de (e)imigração dos lusófonos, o que fica das suas raízes, o que se modifica ou ainda o que é esquecido num processo de identificação eternamente imutável, que contém, entretanto, uma espécie de núcleo duro, que indicará a pessoa que emigrou e não permitirá que a confundamos com tantas outras que também se foram. Ou seja, temos que conhecer qual é a parte de nós que diz respeito unicamente e intimamente a nós mesmos e ainda qual o caminho que trilhamos para desvendar este «novo eu» que é um «vir a ser».

Neste sentido, há que se destacar nestas considerações finais, ainda que rapidamente, a importância da teoria de D. W. Winnicott (1975, 1983 e 1993) no âmbito dos movimentos populacionais, pois ela nos permite compreender a subjetividade dos atores sociais nestes processos.

Winnicott afirma e demonstra que a primeira emigração enfrentada por todos os seres humanos é o parto, o nascimento. E, em seguida, dá-se a primeira inserção em uma «outra terra», o mundo fora do útero. Tal relação e sua qualidade, «minha terra» *versus* «outra terra», dependerá da mãe — ou pessoa que assume o papel materno —, pois é esta mãe que introduz a criança no mundo e que lhe oferece a língua materna e, com esta, a sua cultura, sendo que tal legado é feito em um clima de fortes emoções, situação que resulta em sentimentos, ações, modos de ser, de pensar, de crer e agir difíceis de serem alterados e que, muitas vezes, são tidos como naturais de tão inseridos que estão nos seres humanos. As características desta relação — mãe/bebê — farão com que, apesar das semelhanças entre os diversos processos de emigração, cada qual terá a sua singularidade e esta faz com que pessoas do mesmo país, em situações econômicas semelhantes, pessoas da mesma família, decidam por emigrar ou por ficar e, mais do isto, quando decidem emigrar também reagem de modo diferente, por exemplo, alguns emigrantes jamais voltam à sua terra natal, outros o fazem constantemente. Em suma,

Winnicott faz da (e)imigração um fenômeno que escapa do domínio das ciências econômica e sociais. Dito de outro modo, ainda que rapidamente, aceitar as contribuições de Winnicott significa abalar a tese de que a situação econômica ou as oscilações dos mercados internacionais ou a demanda de mão-de-obra, dentre outros fatores que podem ser medidos quantitativamente, formam «o motivo» que leva uma pessoa a deixar o seu país. Do nosso ponto de vista, as causas da (e)imigração são menos evidentes e podem ser melhor conhecidas se levarmos em consideração a primeira infância dos sujeitos de nossas investigações, sobretudo quando este interesse alia-se à aquisição da língua materna e de uma língua segunda.

Finalmente, afirmamos que as reflexões sistematizadas a partir da obra literária *Diário de Um Cucaracha* podem ser consideradas o resultado da conjunção do individual — da subjetividade humana — com o coletivo, o econômico, o fruto de relações sociais, na tentativa de compreendermos um pouco mais a situação de pessoas em situação de exclusão social e escolar, inclusive nós mesmos, autoras da e na língua portuguesa.

NOTAS

¹ «Mineiro(a)» é adjetivo para pessoa que nasce no estado brasileiro de Minas Gerais; local de grande extração de ouro das «minas» na época da colonização portuguesa e que hoje apresenta altos índices de partida de brasileiros para os Estados Unidos de acordo com a obra de Martes (1999).

² Henfil destacou-se também pela sua participação na política do país, devido ao seu engajamento na resistência contra a ditadura, pela democratização do país, pela anistia aos presos políticos e pelas eleições diretas. Apoiou fortemente a campanha contra a fome e a miséria organizada pelo seu irmão, o sociólogo Betinho, Herbert de Souza, hemofílico, soropositivo, que morreu em 9 de Agosto de 1988, vida e ações acompanhadas e divulgadas pelas mídias nacional e internacional.

³ Concordamos com Bauman e Goffman quando afirmam que o indivíduo tenta «consertar» a base objetiva do atributo estigmatizante, não consegue, geralmente, a aquisição de *status* normal. Processa-se uma transformação do ego. Ou, nas palavras do sociólogo canadense: «Alguém que tinha um defeito particular se transforma em alguém que tem provas de tê-lo corrigido» (Goffman, 1988, p. 18).

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, ZIGMUNT (1999), *Modernidade e Ambivalência*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BIARNÈS, JEAN (1999), *Universalité, diversité, sujet dans l'espace pédagogique*, Paris, L'Harmattan.
- CANDIDO, ANTONIO (1986), «Direitos humanos e literatura», in *Direitos Humanos e Sociedade*, São Paulo, Brasiliense.
- CHEVALIER, LOUIS (1947), «Principaux aspects du problème de l'immigration», in *Documents sur l'immigratin*, Paris, INED, caderno n.º 12.
- COSTA, J. R. (1988), *Os Descobrimentos Portugueses: Pedro Álvares Cabral e o Brasil*, São Paulo, Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo, Editora Grupo Pão de Açúcar.

- EUSÉBIO, J. (2001), *Falando Português em Montreal*, Montreal, Quebec World.
- GOFFMAN, E. (1975), *Estigma*, Rio de Janeiro, Zahar.
- HENFIL (1983), *Diário de Um Cucaracha*, Rio de Janeiro, Editora Record.
- MARTES, A. C. B. (1999), *Brasileiros nos Estados Unidos: Um Estudo sobre Imigrantes em Massachusetts*, São Paulo, Paz e Terra.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. (2000), «The Portuguese diaspora», in C. Teixeira e V. P. da Rosa (eds.), *The Portuguese in Canada: From the Sea to the City*, Toronto, University of Toronto Press, pp. 15-33.
- SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA (2005), *Pela Mão de Alice: o Social e o Político na Pós-Modernidade*, São Paulo, Cortez.
- SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA (2006), *A Gramática do Tempo*, São Paulo, Cortez. (col. «Para um novo senso comum»; v. 4).
- SAYAD, AMBDELMALEK (1998), *A Imigração ou os Paradoxos da Identidade*, São Paulo, EDUSP.
- WINNICOTT, DONALD (1975), *O Brincar e a Realidade*, Rio de Janeiro, Imago Editora.
- WINNICOTT, DONALD (1983), *A Família e o Desenvolvimento Individual*, São Paulo, Martins Fontes.
- WINNICOTT, DONALD (1993), *Conversando sobre Crianças [com os Pais]*, São Paulo, Martins Fontes.

Sítios consultados

- «Um pouco de Henfil», <http://sampa3.prodiam.sp.gov.br/ccsp/gibiteca/henfil.htm>. Acesso em 21-11-2005.
- www.gibiteca.com.br/php/biblioteca/lv_titulo.php em 22 de fevereiro de 2006.